

Dossiê E/Imigração e Refúgio

Ismênia de Lima Martins - Professora Emérita/UFF
Marileia Franco Marinho Inoue - Professora Associada/UFRJ
Andrea Telo da Côte - SEDUC-RJ

O tema das migrações entrelaçado à problemática do trabalho, do tráfico de pessoas, dos direitos humanos e ambientais, e ainda aos acordos entre blocos econômicos que normatizam a situação dos imigrantes intra e interfronteiras, impõe-se de forma definitiva como um dos principais problemas sociais da atualidade, demandando o exame interdisciplinar da questão.

Não é novidade que o fenômeno da globalização da economia, notado com maior amplitude a partir dos anos 80 do século XX, vem fomentando o deslocamento de indivíduos pelo globo, em proporção que se assemelha àquela registrada na *Grande Imigração* do período 1870-1920. A nova contextura, entretanto, associa a transnacionalização e a multinacionalização das empresas como um dos fatores motivadores do aumento da circulação dos trabalhadores em direção a novos mercados de produção, rompendo com os padrões migratórios anteriores.

A reorganização empresarial e a liberalização do comércio promovida no último quarto do século XX e nos primórdios do século XXI por políticas neoliberais vêm, por seu turno, resultando no crescimento vertiginoso da pobreza, na destruição do meio ambiente, no ataque aos direitos das mulheres, forçando mais deslocamentos e formas novas de apartheid social, racismo e conflitos étnicos.¹

Intrinsecamente relacionado a tais processos, a sucessão de conflitos civis, étnicos e/ou religiosos, e de desastres ambientais que vimos assistindo no presente, se somam à globalização e à precarização do trabalho para explicar as múltiplas faces dessa nova grande imigração.

O tema projeta-se não apenas na mídia, mas, também, na produção acadêmica de variadas formas, especialmente em *Dossiês* de revistas especializadas. Apenas para ilustrar, por exemplo, no último ano vários trabalhos foram publicados tentando

¹ CHOSSUDOVSKY, Michel. *A Globalização da Pobreza e a nova Ordem Mundial*. Lisboa, Editorial Caminho, 2003.

aproximar-se da questão e das experiências que encerram, ora problematizando os abusos humanos crescentes que tangenciam o tratamento da questão imigratória², ora adensando as reflexões sobre E/Imigração, Refúgio, e Interculturalidade,³ bem como avaliar as respostas éticas sobre as diferentes questões a respeito dos direitos dos deslocados nos vários países do mundo que vem sendo acossados pela marcha migratória em curso no mundo.⁴

Tais registros refletem, também, sobre a E/Imigração como um fenômeno de longa duração e as singularidades sociais e culturais forjadas pelos grupos de imigrantes nas sociedades de destino no século XIX e na primeira parte do XX.⁵ Merece destaque, ainda, a investigação “das condições, percepções, experiências e práticas cotidianas” de grupos específicos no Brasil, que vivenciou nas duas primeiras décadas do século XXI um boom imigratório⁶, como é o caso dos haitianos⁷, ou a experiência migratória em países lusófonos.⁸

² AZEREDO, Laís; NOGUEIRA, Marco Aurélio; e FERREIRA, Vanessa Capistrano. (Orgs). DOSSIÊ: MIGRAÇÕES, POPULAÇÕES DESLOCADAS E DIREITOS HUMANOS. Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos (publicação acadêmica semestral do Observatório de Educação em Direitos Humanos) RIDH | Bauru, v. 5, n. 1, p. 13-16, jan./jun., 2017 (8) 13. Disponível em: www2.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/download/463/195

³ RAMOS, Natália (Org.) Revista Ambivalências. Dossiê: "Migrações, Interculturalidades e Direitos Humanos" – n. 11 (Jan-Jun. 2018) – São Cristóvão – Sergipe. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/issue/view/676/showToc>

⁴ REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Dossiê: “Dilemas éticos das migrações”. Brasília, v. 25, n. 50, ago. 2017, p. 11-24 . Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v25n50/1980-8585-remhu-25-50-011.pdf>

⁵ SARMIENTO, Érica; MARTINS, Ismênia de Lima and RIBEIRO, Gladys Sabina (Orgs). Dossiê Imigrações. Almanack [online]. 2017, n.17 [cited 2018-12-18], pp.45-50. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-46332017000300045

⁶ MARTINS, Ismênia de Lima. A Imigração no Brasil do Século XXI: Desafios. In ARRUDA, José Jobson de Andrade; FERLINI, Vera Lucia Amaral; GONÇALVES, Paulo Cesar; MONT SERRATH, Pablo Oller (Orgs.). Diásporas Globais e Migrações Contemporâneas. São Paulo: Alameda, 2018.

⁷ FELDMAN-BIANCO, Bela; CAVALCANTI, Leonardo; ARAUJO, Dina; BRASIL, Emmanuel(Orgs.). PÉRIPILOS. Revista de Investigación sobre Migraciones Dossiê Imigração Haitiana no Brasil: Estado das Artes. V.1, N. 01, 2017. periodicos.unb.br/ojs311/index.php/obmigra_periplos/issue/download/646/x

⁸ FUSCO, Wilson; MOREIRA, Morvan de Mello; OJIMA Ricardo; MALHEIROS Jorge; PEIXOTO, João (Orgs). Revista da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Dossiê Temático: Migrações em Países Lusófonos". Disponível em: <http://www.abep.org.br/site/index.php/noticias/609-chamada-para-dossie-tematico-migracoes-em-paises-1>

Tais dossiês, assim como numerosos artigos relevantes sobre a questão recentemente publicados, sinalizam para a centralidade que o tema alcançou no presente, marcado por um lado, por um quadro político instável, caracterizado pela crise do sistema representativo liberal-democrático, de ascensão da “nova direita” e em alguns casos da extrema-direita, e por outro, por uma nova configuração geopolítica do sistema capitalista, marcado pelo esgotamento de fontes energéticas de baixo custo, que embora ainda seja nebulosa, destaca-se por um viés autoritário que envida esforços para a repressão à imigração e aos direitos dos deslocados no processo em curso.

Da mesma forma, a diversidade de pesquisadores envolvidos com o tema revela o exercício da interdisciplinaridade como método para o investigador do tempo presente. Tendo que lidar com a indeterminação do “agora” e sem o apoio das fontes arquivísticas onde tradicionalmente se ancora a pesquisa, o profissional recorre à abertura da sua prática a outros processos a fim de encontrar explicações possíveis para o fenômeno.⁹

Em conformidade com esses esforços, a Revista *Metaxy*, do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas e Direitos Humanos do Programa de Pós-graduação de Políticas Públicas e Direitos Humanos da UFRJ, apresenta em seu terceiro número, uma nova contribuição à reflexão sobre o tema da E/Imigração e Refúgio. Nela enfatiza a indeterminação do tempo presente, desprovido da expectativa de futuro e de arquivos já hierarquizados para recortar as áreas de busca e a cautela para que fenômeno tão complexo não seja dissolvido pelas explicações fáceis das mídias, tradicionais e digitais, sempre fortemente marcadas por análises emocionais.

A proposta caracteriza-se também, pela busca da interdisciplinaridade para compreender tão vasta experiência social, reunindo em seu número pesquisadores de diferentes formações e egressos de várias escolas históricas. Finalmente, baseia-se no valor da memória entendida como objeto da história e, por conseguinte, do testemunho na construção da abordagem histórica como método, resultando naquilo que François

⁹ DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. *Tempo e Argumento*. Revista do PPGH. Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5 – 22, jan/jun. 2012.

Dossiê chama de “história sob vigilância de testemunhas que ainda estão vivas e podem contestar os registros históricos nos quais não se reconhecem.”¹⁰

Nessa perspectiva, o presente dossiê atribui grande relevância à história oral tanto por seu caráter público, como pela possibilidade de mobilizar a experiência, matéria bruta da história, conceito que encerra em si a evocação de uma historicidade não linear, superpondo situações conflitantes e, em contrapartida, retirando filtros que hierarquizam as experiências históricas. Os recursos dessa prática historiográfica cada vez mais dilatada nas ciências sociais permitem ultrapassar as barreiras entre interior/exterior da ação humana, iluminando aspectos pouco conhecidos e até inimagináveis do real. Assim, restitui a humanidade desses processos quase sempre obscurecidos por filtros institucionais impermeáveis ao drama existencial. No mesmo caminho, restabelece o protagonismo dos diferentes sujeitos sociais ao facilitar sua narrativa em 1ª pessoa desnaturalizando processos que em 3ª voz teriam interpretação oposta.

Considerando a relevância das questões expostas esse dossiê abre seus trabalhos com a entrevista realizada pelas organizadoras com Fernando de Souza, Professor Catedrático de História Económica e Social da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e presidente desde 1996 do CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, da mesma universidade. Nesta instituição desenvolve inúmeras investigações sobre a dinâmica demográfica da emigração portuguesa para o Brasil e para a Europa, incluindo a organização de uma base de dados online, da qual consta a identificação de mais de 400 000 emigrantes do Norte de Portugal para o Brasil e a Rede de Investigação sobre Emigração entre a Europa do Sul e a América do Sul (REMESSAS), da qual fazem parte 12 instituições internacionais, inclusive brasileiras.

Nesta entrevista, Fernando de Souza fala de suas referências historiográficas no campo da demografia, da sua atuação como representante português em missões internacionais, das questões relacionadas à investigação científica do CEPESE e das respostas portuguesas ao grande fluxo de imigrantes que batem a sua porta no presente, particularmente os brasileiros.

¹⁰ Idem, pp.15.

A seguir o ensaio de José Carlos Sebe Bom-Meihy que aborda questões delicadas como as relações entre história, memória, ficção e trauma. O autor, Professor titular aposentado do Departamento de História da USP e um dos mais instigantes estudiosos e praticantes da história oral no Brasil, aborda em *Tráfico de pessoas e prostituição internacional: Tentativas de suicídios como respostas pessoais*, o tema das migrações para além dos tratados internacionais que normatizam o assunto. Ao investigar as redes de tráfico e suas relações com a prostituição internacional, Sebe enfatiza as reações pessoais de mulheres que tentaram o suicídio como uma alternativa de respostas ao status alcançado na profissão. A contribuição interpretativa do artigo reside na ênfase que atribui aos enredos pessoais impedindo que suas singularidades sejam apagadas.

Já Mohammed El Hajji, Professor Titular dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (POS-ECO) da UFRJ, em colaboração com Otávio Cezarini, doutorando deste programa, abordam no artigo *A autobiografia dos que não narram e a solidariedade aos migrantes em tempos de Copa do Mundo*, a temática das migrações a partir da transnacionalização dos jogadores de futebol nas últimas Copas do Mundo da Fifa. Para tanto, recorrem à análise das estratégias discursivas engendradas pelo site *The Player's Tribune*. Nele, cumprindo um roteiro pré-estabelecido, os “storytelling”, as narrativas de jogadores de futebol de origem imigrante permitem discutir o que a filosofia pós-estruturalista considerou como uma passagem da “clínica do desejo” à “clínica do trauma” tendo o testemunho voltado a um autorreferenciamento que afasta o indivíduo da culpa.

Se no artigo de El Hajji & Cezarini e no de Sebe, a análise aquilata o lugar de fala dos indivíduos na sociedade informacional e os efeitos de seu testemunho sobre a explicação daquilo que está em curso, de modo diferente, no ensaio *Deslocamentos regionais contemporâneos e a legislação do Mercosul: dilemas de uma ordem migratória em crise*, José Sacchetta Ramos Mendes, Professor Associado da Universidade Federal da Bahia volta ao campo da síntese histórica, quando o olhar para o passado procura apreender os movimentos históricos de estados e nações.

Vale lembrar que em conformidade com os dados apurados por UEBEL et RÜCKERT¹¹ entre 2000-2015 o Brasil, que desde o século XIX historiava o afluxo de imigrantes de diversas origens, consolidou-se como importante destino do mundo globalizado. O registro de 95.829 imigrantes no país referente ao ano de 2000 saltou em 2014 para o impactante número de 1.114.678, dados que apontam para a entrada do Brasil como ponto expressivo da rota migratória no mercado mundial.

Tal movimento se justifica, ao menos em parte, pelas severas barreiras anti-imigratórias erguidas nos EUA pós-11/9, e também pela crise econômica de 2008, que redirecionaram o fluxo de imigrantes, para dentro da própria América do Sul.

De outro modo, as transformações da economia brasileira da época, como o crescimento do investimento, do consumo, do emprego formal, da infraestrutura e das exportações entre 2000-2014 alavancaram a presença do Brasil no cenário internacional, garantindo-lhe uma posição entre os países emergentes, juntamente com a Rússia, Índia, China e África do Sul, no que ficou conhecido como *BRICS*.¹²

As migrações oriundas da América Central e Caribe para o Brasil registraram crescimento de 2.484,33% no período, enquanto o fluxo migratório de nacionais da América do Sul aumentou 560,56%. Dentre eles destacam-se haitianos, bolivianos, colombianos, argentinos, paraguaios, uruguaios, peruanos e cubanos.

Apesar do aumento expressivo de migrantes latino-americanos para o Brasil, 70% dos fluxos regionais se deram entre países limítrofes como se percebe da migração de origem colombiana para a Venezuela e o Equador, da Nicarágua para a Costa Rica, do Haiti para a República Dominicana e de paraguaios, peruanos e bolivianos para a Argentina, historicamente o principal destino destes imigrantes.¹³

¹¹ UEBEL, Roberto Rodolfo Georg et RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. Aspectos gerais da dinâmica imigratória no Brasil no século XXI, *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie*, n. 31, 2017, mis en ligne le 08 juin 2017, consulté le 20 septembre 2017. URL : <http://confins.revues.org/11905> ; DOI : 10.4000/confins.11905.

¹² MARTINS, Ismênia de Lima. A Imigração no Brasil do século XXI e os desafios da construção de uma identidade latino-americana. Conferência UNILA, 2016.

¹³ UEBEL, Roberto Rodolfo Georg et RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. Op. Cit.

Considerando assim, as transformações no quadro imigratório local, no decurso dos anos 2000 tratados de integração regional com o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), a Comunidade Andina de Nações (CAN), o Sistema de Integração Centro-americano (CA-4) e o Mercado Comum do Caribe (CARICOM,) além de buscar associar econômica e politicamente a região, facilitaram, pela primeira vez, o livre trânsito das pessoas entre países desses blocos.

A relevância do texto apresentado por Sachetta está em sistematizar e elucidar a base normativa contemporânea sobre as migrações internacionais no Mercosul, explicando o processo de formação de uma governança regional e o delineamento de um sistema comunitário sobre a temática migratória. Analisa, ainda, a adoção pelo Brasil de uma nova Lei de Migração (2017) e o agravamento da crise migratória da Venezuela. Seu grande mérito é tornar inteligível um processo repleto de obstáculos burocráticos à interpretação da legislação tanto pelos pesquisadores como para o cidadão comum.

Na sequência do dossiê e com o mesmo espírito interdisciplinar, apresentamos alguns estudos de caso. No artigo do Professor de Direito César Augusto S. da Silva, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e da mestrandia Paola Flores Serpa, da mesma instituição, *O Fluxo migratório no Estado de Mato Grosso do Sul: recepção dos refugiados e de imigrantes internacionais*, os autores, inicialmente, os autores introduzem o leitor na história do direito internacional de proteção aos refugiados e a inserção do Brasil nesse contexto, particularizando a análise no caso da região Centro-Oeste e do Estado do Mato Grosso do Sul.

Silva e Serpa evidenciam a condição *sui generis* desse Estado que possui uma larga e pouco desenvolvida faixa de fronteira com o Paraguai e a Bolívia, aonde se misturam narcotráfico, contrabando e toda sorte de violência que marginaliza a população, e muitas vezes, criminaliza o imigrante. A precariedade da região, a crescente entrada de imigrantes e a elevada demanda por serviços públicos por estas pessoas amadureceu no estado a elaboração de uma política para o auxílio e o recebimento dos imigrantes internacionais, refugiados ou não, que o distingue dos demais. Destaca-se a criação do Comitê para Migrantes, Refugiados e Apátridas, do

Estado (CERMA-MS) e do Comitê Municipal de Atenção aos Migrantes, Refugiados e Apátridas na cidade de Corumbá (COMAIRA-MS), na fronteira com a Bolívia com o intuito de “publicizar a situação de vulnerabilidade dessas populações” e informar a respeito do “papel estratégico que podem exercer na questão demográfica, no mercado de trabalho, na remessa de lucros e no intercâmbio com os nacionais.”

Contribui, também, para o panorama traçado nesta revista, o artigo da doutora em Sociologia Marina Tomassini Panosso, *O retorno de brasileiros em tempos de crise: motivações, obstáculos e desafios*, que reflete a outra ponta dos estudos sobre os deslocados: os retornados. Trata-se, como diz a autora, de uma “revisita etnográfica focalizada”, que consiste em rever um tema já abordado por outro pesquisador ou pelo próprio autor e avaliar as mudanças ocorridas no tempo. Assim, com base em 60 entrevistas com brasileiros que moravam nas principais regiões metropolitanas do estado de Nova Iorque, Panosso analisa um momento único da história do Brasil: quando o país foi, simultaneamente, alvo de um boom imigratório e do processo de retorno de brasileiros, a partir dos impactos da crise de 2008 no EUA e da configuração do Brasil, naquele período, como um lugar de prosperidade.

O estudo destaca o fenômeno do estranhamento experimentado pelo retornado no reencontro com a família e com a própria sociedade de origem, problematizando tanto os mitos que cercam o movimento da partida, como a ideia de retorno ou a da possível integração. Como assinala a autora, baseada em Abdmalek Sayad, “não há inserção nem integração no lugar presente que não implique des-inserção e des-integração em outro lugar que já é, então, lugar de ausência e lugar de referência para o ausente.”

Miriam Abduche Kaiuka apresenta em *Imigração dos sírios e libaneses: idiossincrasias e sonhos*, o último estudo de caso deste dossiê. Pedagoga, doutora em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia pelo Programa Interdisciplinar da UFRJ e Professora do Colégio de Aplicação da UFRJ, aborda no artigo os processos de construção de identidade, memória e etnicidade dos imigrantes sírios e libaneses nas primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro e Niterói.

Esse dossiê brinda o leitor, ainda, com uma densa reflexão do filósofo André Villar Gomez sobre o tempo presente. Trata-se do artigo, *O fim do “tempo do fim”*: *extinção, urgência e outros inícios possíveis*, em que assinala o caráter catastrófico do capitalismo contemporâneo, indicando o colapso social e ecológico em curso e, ainda, a obsolescência que atingiu a maior parte da humanidade sob o ritmo frenético da quarta revolução industrial. Dada a aceleração do tempo e do potencial aniquilador da tecnologia sob os moldes capitalistas, constata o fim do futuro e sinaliza para um horizonte que se mostra como “a reprodução piorada daquilo que está em curso”. Como criar uma nova forma de vida sobre os escombros do mundo que conhecemos, perguntamos Gomez.

Em meio a esse quadro de “fim”, perguntamo-nos, como qualificar os movimentos que milhares de indivíduos vêm fazendo, ao longo das últimas décadas, para se deslocar da periferia para o centro do capitalismo? Haverá, para eles, alguma esperança possível? Ou o próprio movimento dos deslocados poderá contribuir para a reinvenção de um novo tempo?

Encerramos esse número da Revista *Metaxy* com a resenha do livro *Migrantes y refugiados em la posguerra mundial. La corriente organizada de españoles hacia Argentina, 1946-1962*, de Emilio Redondo Carrero, Professor da Universidade de Burgos, comentado minuciosamente pela Prof. Dra. Marília Klaumann Cánovas, da Universidade de São Paulo. Vale dizer que a tese que deu lugar ao livro foi agraciada com o Premio Extraordinario de Doctorado em Artes y Humanidades pela Universidade de Castilla-La Mancha.

Esperamos, finalmente, que os esforços mobilizados neste dossiê contribuam para adensar as reflexões sobre o tema da **E/Imigração e Refúgio** e da necessidade de alinhar o campo da demografia histórica, das relações internacionais, do direito e da ética com o valor da história oral de vida para pensar e escrever a complexa história do tempo presente. Valemo-nos aqui de palavras escritas em 1998, por José Saramago, que vinte anos depois soam muito próprias para nossos fins: “De facto, só o ponto de vista

de dentro facilitará a circularidade da observação exigida na hora de redigir um documento como esse, de características finais, seja de uma classe ou de uma pessoa.”¹⁴

Considerando que estamos tratando de história e não de literatura, não nos cabe falar de documentos com características finais, mas cabe, acertadamente, afirmar a primazia do olhar interno e da circularidade das ideias para apreender, mesmo que de forma caleidoscópica, a complexidade dos deslocamentos do tempo presente.

¹⁴ SARAMAGO, José. Último Caderno de Lanzarote - Diário de um Nobel. SP, Cia das Letras, 2018. P.48.